

Entre o oral e o escrito: as posições de sujeito nas rasuras

Eduardo Calil e Sonia Felipeto*



1 Um aspecto geral da reformulação e um ponto de partida

Não são poucos os estudos que têm discutido o problema da reformulação oral ou escrita.¹ Na vertente psicológica, por exemplo, a "reformulação" ou a "autocorreção" (estando aí sugerido tanto o estatuto da reformulação quanto daquilo que se entende por erro), é sinal de um domínio ou conhecimento daquele que o enuncia sobre a língua. Assim, esta atividade lingüística é classificada tanto pelo aporte teórico da psicologia cognitiva quanto pela teoria da enunciação apoiada em Culioli, como "metalingüística" e traz como efeito um suposto "monitoramento" daquele que "corrige" sobre o que diz ou escreve.

Todavia, suspendendo este pressuposto, isto é, a idéia de que o ato de "reformular" trata-se de uma "adequação" entre o que foi enunciado e o que se "pretende" realmente dizer, iremos focar nossa discussão sobre o ponto preciso da articulação entre o que se diz e o que se escreve. A partir desta interface, analisaremos o jogo combinatório das três posições que o sujeito ocupa na língua, conforme postulado por Lemos (1996, 1998, 1999), tentando articular com aquilo que Lacan ([1966] 1996) diz sobre os tempos lógicos. Desse modo, destituindo a "reformulação" de seu lugar comumente aceito pelas investigações em torno deste problema, procuraremos apenas iniciar uma discussão que possa fortalecer um lugar teórico que já temos defendido há tempos, a saber, a ressignificação enquanto corte absolutamente imprevisível e intermitente, produzida como um efeito da relação sujeito, língua e sentido, sobre a qual temos acesso somente via imaginário.

* UFAL – Universidade Federal de Alagoas.

¹ Ver, a respeito, trabalhos de Lemos (1999a, 1999b) Abaurre (1996) e Abaurre et al. (1997), Geraldi (1997), Lier-De Vitto e Fonseca (1997), Calil (1997), Calil e Felipeto (no prelo), dentre outros.

EDIPUCRS – Coleção Memória das Letras

6-SILVA, Márcia Ivana de Lima e.
A GÊNESE DE INCIDENTE EM ANTARES.
2000, 176 p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre – RS/BRASIL
www.pucrs.br/edipucrs/
E-mail edipucrs@pucrs.br
Fone/Fax: (51) 3320.3523

2 De que posição estamos falando

Não pretendemos resenhar os textos em que Lemos postula sobre as três posições do sujeito na língua,² mas procuraremos, se possível, relacioná-las com o tempo lógico lacaniano, em contraposição com o tempo cronológico. Não estamos com isso pretendendo encontrar uma equivalência entre estas posições e os lugares que o tempo lógico designa aos sujeitos conforme defendido por Lacan (1966) nos textos "A carta roubada" e "Tempo lógico e a asserção de certeza antecipada", mas fortalecer seu caráter estrutural. Nosso objetivo é seguir um caminho aberto por Lemos ao dizer que, por um lado, "é possível elaborar a partir de sua obra (de Lacan) uma relação da criança com a língua e com o outro que a significa como falante" (Lemos, 1999a, p. 8) e, por outro, ao advogar as posições, afirma que, apesar de ser possível ordená-las cronologicamente, a passagem de uma para outra não implica desenvolvimento, mas uma mudança cuja característica é a de ser estrutural. Com isto, a autora, ao mesmo tempo em que assume uma ordenação temporal enquanto fenômeno empírico, nega uma precedência estrutural de qualquer um dos pólos que compõe esta estruturação, a saber, o outro, a língua e o sujeito. O que há é uma dominância, ora de um pólo, ora de outro.

A tentativa de articulação entre as posições subjetivas e as mudanças estruturais do sujeito com os tempos lógicos postulados por Lacan dá-se pela questão lógica, tanto em relação à entrada do sujeito na língua, ou melhor, sua captura, como define Lemos (1999a, p. 3), pelo funcionamento simbólico que inaugura o ser na ordem do humano, quanto na relação do sujeito com o significante.³ Se assumirmos que estas posições, a partir do que foi posto, também têm seu estatuto marcado por uma instância lógica, poderemos considerá-las como sendo efeito da demanda de um processo de simbolização e identificação contingente.

Contudo, vale destacar que a precedência cronológica da 1ª posição tem uma extrema importância, pois é através dos significantes do outro/mãe (representante do funcionamento lingüístico-discursivo) e da escuta pela mãe destes significantes da criança, que se inaugura a entrada do sujeito nesta estrutura,⁴ sem esquecer

que esta dimensão só se movimenta em relação com as outras duas posições. Uma vez o sujeito "capturado" pela 1ª posição, não seria mais possível pôr-se fora dela; ou seja, a criança não mais seria falada pelo outro/mãe, mas já estaria sob os efeitos daquilo que diz, passando a estar agora entre os movimentos da 2ª e 3ª posições. O que poderia ser interpretado como o apagamento desta posição, na verdade, seria a transformação do pólo dominante outro (na 1ª posição) no pólo dominante língua (na segunda posição). Isto é facilmente defendido na medida em que o outro é tratado na teoria como o representante do funcionamento lingüístico-discursivo. Disto sobra uma questão: que lugar teria então a 1ª posição nesta relação estrutural?

Ainda diante destas posições, poderíamos dizer que o erro que se presentifica na fala da criança na 2ª posição é somente um índice deste submetimento ao funcionamento lingüístico-discursivo, pois mesmo quando não há o erro, o sujeito está nesta posição.

Tentaremos, logo mais, dar alguma visibilidade ao jogo entre a 2ª e 3ª posição, uma vez que a 1ª nos parece ser absorvida pela 2ª, mostrando a sua dinâmica e buscando articular isto com o tempo lógico. Usaremos para isto uma situação muito específica em que crianças falam e escrevem ao mesmo tempo.

No texto "Tempo lógico e a Asserção da Certeza Antecipada", Lacan registra três instâncias do tempo em que o sujeito se inscreve. Há, neste processo lógico, uma ordem crescente das instâncias do tempo para que se complete sua conclusão. A modulação do tempo, consoante o autor, apresenta-se sob um modo diferente em cada um dos momentos, como também os valores lógicos. O tempo 1 está designado como "instante do olhar" (op. cit., p. 209), em que se fala e não se sabe do que se fala. Ou, interpretando isto de outro modo, é o instante do falar, em que o sujeito não reconhece qualquer diferença no modo como fala ou no que diz. Aqui o sujeito não descola os signos; cada um da cadeia sintagmática tem a consistência de uma pedra. É neste *instante do olhar* que se introduz a forma que, apenas no segundo momento, converter-se-ia em verdadeira suposição, pois, neste primeiro momento, "o atributo (é, ainda), ignorado pelo próprio sujeito" (Lacan [1966] 1996, p. 77; parêntesis nosso). Se o processo aí estagnasse, teríamos um sujeito para o qual o tempo designou-lhe a posição de um olhar que nada vê, isto é, nada escuta.

No Tempo 2 chamado de "tempo para compreender" (op. cit., p. 207), há, como tentaremos mostrar na análise que segue, uma "quase escuta" ou uma "escuta que não se moveu", isto é, o sujeito

² Para tanto, remetemos o leitor para as obras da autora, as quais constam desta bibliografia.

³ Sem dúvida alguma, a explicitação desta questão está colocada de modo pouco rigoroso, mas sua função neste texto é poder situar, minimamente, o leitor diante deste estatuto do humano.

⁴ Aqui a estrutura é necessariamente enosada entre os registros do Real, Simbólico e Imaginário e a melhor imagem para visualizar isto é aquela lançada por Lacan no Seminário XX, a do nó borromeano.

não chega ao fechamento daquilo que escuta. Como se neste tempo, o intervalo que se abre também abrisse espaço para a língua agir, com todos os seus movimentos, à revelia do sujeito, impondo-lhe uma barreira que, contudo, não consegue (ainda) atravessar.

Finalmente, no "momento de concluir" (op. cit., p. 209) diríamos, é quando há um fechamento operado pelo reconhecimento de uma diferença convocada pelo deslizamento do significante que supõe a inclusão dos dois tempos anteriores. É o momento que marca uma escuta. Com relação às posições defendidas por Lemos, a articulação que aqui trazemos pode fortalecer o constructo teórico da autora, na medida em que permitiria, por um lado, vinculá-las mais claramente ao seu caráter lógico, e, por outro lado, mostrar a dinâmica de seu movimento na necessária inclusão mútua entre sujeito e significante.

Mas tomemos os dados, pois sua análise talvez possa ajudar em nossa argumentação.

3 O estatuto da coisa proposta

Para avançarmos na questão e trazê-la para o que nos propomos no título deste trabalho, isto é, a emergência das posições entre o oral e o escrito, analisaremos um trecho da história inventada "Os três todinhos e a dona Sabor", escrita por Bel e Nara, duas meninas que, naquele momento, estavam no último ano pré-escolar. Até o fragmento que iremos mostrar, elas já tinham escrito uma história em que três todinhos nunca paravam de falar, e a mãe já não agüentava mais.

- (1) **Isabel:** "[ESCREVENDO: *eles só fa la rão*] ... (CANTANDO) cócócó... quiquiqui... cócócóóó... cócócó... quiquiqui... cócócó."
- (2) **Nara:** "você sabe uma canção? (CANTANDO) a...tii...rei...o ...pau...no... gaaa...too."
- (3) **Isabel:** "não! não...a única...a ...úúú...ni...ca...canção... caan...ção...[ESCREVENDO: *a única coisa que*]"
- (4) **Nara:** "acabei de cantar ela...".
- (5) **Isabel:** "can...ção...não, calma...que... (RELENDO) a única can...ção.. não sei porque tem isto. (APAGANDO A PALAVRA 'COISÃO' [coisão] E ESCRIVENDO [coisa]) a única...can...ção... que eles sabiam...é que eles...saaa...bi...[ESCREVENDO: *eles sabião*]"

Aqui estamos diante de uma tripla discordância entre a instância que fala, a instância que escreve e a que rasura/escuta, isto é, entre o que se diz ("*canção*"), o que se escreve ("*coisão*") e depois o que se escuta (apaga e "corrige" "*coisão*" para "*coisa*"), ficando posta a divisão radical do sujeito.

Note-se que (1) Isabel diz "eles só falavam", mas, ao dizer o que falavam, o faz cantando "cócócó quiquiqui cócócó". Aqui já temos algo interessante. Como as personagens falavam muito, Isabel acaba enunciando não o "que" falavam, mas "como" falavam, isto é, ela diz algo que traz uma idéia de várias vozes juntas e confusas.

Tomando como base os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de funcionamento da língua, conforme defendidos por Lemos (1992, 1999a, 1999b), vemos que o modo "cantado" como Isabel fala tem um efeito sobre a fala de (2) Nara, que enuncia imediatamente "você sabe uma *canção*?"

Haveria aí uma "escuta" de Nara para este significante latente na fala de Isabel ou Nara apenas "ouviu" o que estava latente no modo como enunciou Isabel? Que posição subjetiva fica aí visível? Sua presença parece ser produto de um deslizamento metonímico, mas não poderíamos responder simplesmente que ela "ouviu", pois "canção" sequer foi enunciado por Isabel.

Se houver aí dominância deste processo metonímico e também metafórico, pois seu enunciado entra em uma estrutura sintática bastante estruturada, mesmo que um "erro" não tenha sido produzido, uma 2ª posição estaria caracterizada, como já defendemos acima. Advogamos, entretanto, que houve "uma certa escuta" de Nara para aquilo que Isabel diz, apesar de não podermos dizer que há aí uma 3ª posição. É aqui que talvez a idéia de "tempo lógico" e seus instantes de emergência possam nos ajudar a pensar esta dinâmica entre sujeito e significante e a 2ª e 3ª posição subjetiva.

Do nosso ponto de vista, entre estas posições haveria uma amarração operada pelos 3 tempos, sendo que o tempo 2 e o tempo 3 tem por efeito separar o sujeito da língua através de duas possibilidades de "escuta", a saber, uma "quase-escuta" em que o "tempo para compreender" deixa o sujeito meio que em suspenso, seria uma "escuta que não se efetiva, pois o significante evocado parece ficar entre as relações cristalizadas e uma "escuta" ligada ao "momento para concluir", isto é, ao momento em que o significante retorna sobre o sujeito produzindo aí uma ressignificação.

Mas, é necessário prosseguir na análise para poder falar mais sobre esta dinâmica.

O significante³ "canção" enunciado por Nara fica. Isabel o retoma em seguida repetindo-o também oralmente em (3) *Isabel*: "...a...úúú...nii...ca...canção... caan...ção..."

Como se Isabel quisesse dizer "a única coisa que eles falavam era 'cócócó...quiquiqui...cócócóóó'", mas, a pressão do significante "canção" interfere nesta estrutura impondo-se à caneta e fazendo (3) Isabel escrever "coisão". Por que este aparente desacordo entre o que se diz e o que se quer escrever?

Ao reler, ela própria se escuta, dizendo em (5) *Isabel*: "...não sei porque tem isto..." e não se reconhece nem no que fez, nem o que fez. Mas o que parece mais interessante ainda neste desencontro é o fato subsequente de Isabel rasurar na escrita "coisão", apagando-o, escrever "coisa" e permanecer dizendo/lendo "canção". Reside aqui o poder evocador dos significantes "coisa", "canção" ou "única"?

Esta discordância entre o que diz, o que escreve e o que escuta, mostra a multiplicidade de um único ponto em que se efetua o corte na cadeia sintagmática. Há uma escuta para a estrutura "a única coisa", mas não há uma escuta para o que diz "a única canção" e o que escreve "a única coisa".

Uma análise mais detalhada pode ajudar a deixar isto mais claro. Há uma certa estabilização de enunciados em que "única" aparece "colado" à "coisa", funcionando como um bloco congelado:

"a única coisa que eles falavam"

"a única coisa que eles sabiam"

"a única coisa que eles cantaram"

Assim, pode-se supor que "única" abre-se para receber "coisa", evocando-o metonimicamente, o qual, a despeito das "intenções" de Isabel em escrever "canção", impõe-se e consegue se manter na escrita. "Coisa" e "canção" também indicam uma relação metafórica, assumindo uma relação de semelhança dada tanto pela posição que ocupa na cadeia, quanto pelo valor semântico, bastante aberto, de "coisa" nesta mesma posição. Tal identificação permite tal permuta:

"a única canção que"

"a única coisa que"

Com exceção à letra "c" presente no início das duas palavras, e da letra "a" na segunda sílaba, que nem traz mais foneticamente uma aproximação entre si, nada mais coincide no restante das pa-

lavras. "A única coisa que", cadeia manifesta, parece ser um efeito do cruzamento metafórico de cadeias em estado latente, como "a única coisa que", "a única canção que", etc. A estrutura "a única coisa que" seria o resultado do jogo combinatório entre os processos metafóricos e metonímicos que produziram o amálgama "coisão": "única" convocaria "coisa" e "canção" convocaria o "são" de "coisão". "A única coisa" seria um(a) fus(r)ão disto tudo.

Assim, neste jogo entre uma "escuta" e uma "escuta que não se efetiva", teríamos um hiato, algo que deixa o sujeito em suspenso, um "tempo para compreender" em que uma "escuta" não se fecha. Nesta quase simultaneidade dos tempos, inclusive o tempo 1, pois a cada elemento posto na cadeia tem-se a virtual presença de cada um deles, e o sujeito nada escuta de nada, isto é, está colado nos signos que a cada ponto de cadeia aparecem, permitiríamos a começar a pensar sobre a dinâmica estrutural das posições, suas articulações internas e a relação lógica entre sujeito e significante.

No entanto, tudo isto é apenas o início de uma reflexão que não sabemos ao certo aonde nos levará.

Referências bibliográficas

LACAN, Jacques (1966). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LEMOS, Cláudia T. G. de. Corpo e linguagem. In: UCHOA JUNQUEIRA FILHO, L. C. (org.) *Corpo-mente: uma fronteira móvel*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, p. 235-248.

———. Os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança. In: *Substratum: temas fundamentais em Psicologia e Educação*, Porto Alegre, Artes Médicas, v. 1, n. 3, 1998.

———. *Relatório (CNPq)*. Campinas, SP: IEL/Unicamp, 1999a. (Mimeo)

———. *Questioning the notion of development: the case of language acquisition*. Campinas, SP: IEL/Unicamp, 1999b.

³ Tomo esta noção no sentido que Lemos (1999a: 12) parece dar ao dizer que a criança, enquanto falante, emerge "no intervalo entre os significantes que metaforicamente se substituem tanto no erro quanto nas estruturas paralelísticas" (grifo nosso).